

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECONOMIA

HÉRIK DAYANN MORAIS DE MENESES

**INFORMAÇÃO: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS PARA À
BIBLIOTECONOMIA NA SOCIEDADE DA APRENDIZAGEM.**

João Pessoa
Dezembro/2011

HÉRICK DAYANN MORAIS DE MENESES

**INFORMAÇÃO: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS PARA À
BIBLIOTECONOMIA NA SOCIEDADE DA APRENDIZAGEM.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Biblioteconomia como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mirian de Albuquerque Aquino

João Pessoa
Dezembro/2011

M488c **Meneses, Hérick Dayann Morais de.**
Informação: diálogos e perspectivas para à
Biblioteconomia na sociedade da aprendizagem/
Hérick Dayann Morais de Meneses. – João Pessoa,
2011.

44 f.

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) –
Universidade Federal da Paraíba, 2011.

1. Informação 2 . Sociedade da Aprendizagem 3.
Biblioteconomia I. Título.

CDU

CDD

HÉRICK DAYANN MORAIS DE MENESES

**INFORMAÇÃO: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS PARA À
BIBLIOTECONOMIA NA SOCIEDADE DA APRENDIZAGEM.**

APROVADO EM: ___/___/2011

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Biblioteconomia como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Mirian de Albuquerque Aquino
Orientadora

Prof^a Ms. Alba Lígia de Almeida Silva
Examinadora

Prof^a Ms. Genoveva Batista do Nascimento
Examinadora

Dedico este trabalho a minha família e, em especial, aos meus pais, por terem me ensinado a não desistir dos meus sonhos e reconhecer que a única herança que podemos deixar para um filho é a educação.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma tarefa nada fácil, mas é fundamental quando se trata de um trabalho que teve a ajuda de tantas pessoas queridas.

Agradeço, de maneira especial:

A Deus, pela sua infinita bondade e pelo dom da vida.

Aos meus pais José Idebrando (In Memoriam) e Tereza Cristina, por acreditarem em mim a cada dia e sempre terem colocado a minha educação em primeiro lugar.

Ao meu irmão Segundo, que contribuiu de forma indireta para esse momento.

A minha amiga fundamental Flávia Cristina, pelo carinho, compreensão, incentivo em todos os momentos ao longo desses 9 anos.

A minha orientadora, Prof^a Dr^a Mirian de Albuquerque Aquino, que muito prontamente me aceitou como seu orientando e por ter sido meu exemplo maior durante o curso como pessoa e, também, profissional. Você é, sem dúvidas, peça fundamental na construção do meu fascínio pela Biblioteconomia. Pessoa simples, humana, generosa e rica de muitas qualidades inigualáveis.

As professoras mestres Alba Lígia e Genoveva Batista por aceitarem fazerem parte da banca de avaliação.

Aos colegas que estudaram comigo por todo o tempo de curso.

Ao corpo docente que faz o Departamento de Ciência da Informação e, em especial, a: Rosa Zuleide, Marynice Autran, Denise Gomes, Emeide Nóbrega, Alzira Karla, Francisca Arruda, Jemima Marques, Carlos Xavier,

Gustavo Freire, Genoveva Batista, Patrícia Silva Joana Coeli, Alba Lígia e Wagner Junqueira, espelhos de profissionais que serão lembrados por toda minha vida.

Aos professores substitutos que passaram ao longo do curso, em especial: a Márcio Bezerra, Fabiana França, Deise, por ter auxiliado na minha formação acadêmica. E, também, àqueles que ministraram disciplinas como estágio docência: Suzana Queiroga, Lílian Viana, Clayciane Pereira e Danielle Arlene.

A todos os funcionários da Coordenação e do Departamento.

E a todos que de forma direta ou indireta estiveram ao meu lado durante esta jornada.

O que deve caracterizar a juventude é a modéstia, o pudor, o amor, a moderação, a dedicação, a diligência, a justiça e a educação. São estas as virtudes que devem formar o seu caráter. (Sócrates).

RESUMO

O cenário da sociedade passa por mudanças contínuas, com destaque para a informação. Nesse contexto ela tem sido um elemento fundamental para a construção dos alicerces da sociedade da informação e do conhecimento e da aprendizagem. Assim, o objetivo é discutir a importância da Biblioteconomia e da Ciência da Informação nesse processo de formação de aprendentes, bem como o papel do bibliotecário e da comunidade científica no contexto da sociedade da aprendizagem. Faremos também uma discussão que relacione uma proposta de uma nova Ciência da Informação, de políticas de informação. A problemática da pesquisa de caráter metodológico bibliográfico forma no sentido de compreender como essa questão está mudando as relações do bibliotecário com a sua formação e habilidades provocadas através do uso das tecnologias no processo de ensino aprendizagem.

Palavras- Chave: 1. Biblioteconomia 2. Ciência da Informação 3. Sociedade da Aprendizagem 4. Informação

ABSTRACT

The scenario of the society undergoes continuous change, with emphasis on information. In this context it has been an essential foundation for building the information society and knowledge and learning. The objective is to discuss the importance of Library and Information Science in the process of formation of learners, the role of the librarian and the scientific community in the context of the learning society. We will also make an argument that relates a proposal for a new information science, information policy. The research problem of how a methodological literature in order to understand how this issue is changing the relationship of the librarian with their training and skills brought about by the use of technology in teaching-learning process.

Keywords: 1. Library 2. Information Science 3. Learning Society 4. information

SUMÁRIO

RESUMO	IX
ABSTRACT	X
1 INTRODUÇÃO	12
2 PERCURSO METODOLÓGICO	17
3 A IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO NA SOCIEDADE DA APRENDIZAGEM	20
3.1 INFORMAÇÃO E COTIDIANO.....	21
3.2 INFORMAÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE: um jogo em comum.....	23
3.3 A COMUNIDADE CIENTÍFICA E A INFORMAÇÃO: o papel das bibliotecas e dos bibliotecários.....	24
3.4 BIBLIOTECAS COMO LUGARES DE MEMÓRIA.....	27
3.5 O USUÁRIOS DAS BIBLIOTECAS.....	29
4 POR UMA NOVA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO/BIBLIOTECONOMIA	34
4.1 DESAFIOS, CAMINHOS E PERSPECTIVAS.....	34
4.2 NECESSIDADES DE POLÍTICAS DE INFORMAÇÃO.....	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
6 REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

O tema de uma pesquisa não surge do nada, mas pode vir por um acaso ou de uma experiência. Enquanto aluno de graduação no Curso de Biblioteconomia, na UFPB, estávamos sempre antenados com as discussões e reflexões que se desenvolveram na disciplina Informação Aplicada à Biblioteconomia, servindo estas como um primeiro norte para investigarmos o porquê de um tema tão estudado ainda dar margem para tantas interpretações. Essa inquietação comunga com os dizeres de Malerba (2006) quando afirma que nenhum estudo por mais elaborado que se construa, esteja esgotado.

Entendemos que a informação é um campo em construção, e por isso comporta uma retificação das discussões que os estudiosos dão ao passado histórico. Assim, diversos autores falam em “história da informação” como ramo legítimo do conhecimento, sendo a narrativa ou o relato que se faz dela, mecanismos importantes na construção da informação.

Em quase toda investigação, a informação e suas tendências se constituem como parte integrante, de tal forma que se possa alcançar ao resultado de um saber redigido, caracterizado por novos questionamentos e críticas. Certeau (2000, p. 19) admite que a “história faz parte da “realidade” da qual trata, e que essa realidade pode ser captada enquanto atividade humana”. É justamente isso o que os estudiosos desse campo em construção, que é a informação, vêm fazendo.

O nosso propósito neste estudo é discutir a importância da informação e de seus diálogos e percalços para a área de Biblioteconomia no contexto da sociedade da aprendizagem. Este tema de estudo para a monografia de conclusão de curso surgiu através dos debates, realizados na disciplina Informação Aplicada à Biblioteconomia resultando várias inquietações de como este instrumento é fundamental na vida das pessoas e nas diferentes sociedades. Dessa forma, nos sentimos instigados a desenvolver uma pesquisa que conectasse a informação e a sociedade da aprendizagem.

Este estudo se contextualiza no universo de uma sociedade que passa por um processo de constantes mudanças, que estão por sua vez aceleradas

nesses últimos anos pelos efeitos da globalização e dos avanços científicos e tecnológicos, os quais, conjuntamente com as inovações sociais e econômicas revolucionaram as formas de comunicação humana. Na verdade, trata-se de um novo modelo de sociedade, chamada por alguns como “sociedade da informação”, “sociedade do conhecimento”, “sociedade aprendente”, “sociedade cognitiva”, “sociedade pedagógica”, “sociedade líquida”, dentre outras. Essas mutações trouxeram em seu bojo uma gama de produtos, serviços e demandas de competências, habilidades e exigências para as quais os indivíduos ainda não estão devidamente preparados. Além de se tornar “o espaço em que se torna universal o acesso aos conteúdos de informação estoques de documentos, para todos os habitantes de uma realidade” (ALAVA, 2002, p.69).

Convivendo com essas mudanças na era da globalização e das tecnologias intelectuais¹ é mister sistematizar, cientificamente, os fenômenos sociais e informacionais, entendendo que a todo momento estamos aprendendo algo e sendo afetados pelas transformações inerentes a sociedade da aprendizagem. Essa sociedade exige uma relação diferenciada no ensino da informação na Biblioteconomia/Ciência da Informação, bem como a emergência de um novo perfil de profissionais da informação (bibliotecários e docentes) que reconheça a necessidade de um deslocamento dos “grilhões das tradições” para incorporar em suas atividades/funções não apenas novos modos de pensar, conhecer, agir e ensinar, mas também saber apropriar-se, organizar, indexar, classificar e disseminar a informação adequadamente de forma que todos os grupos sociais possam acessá-la e usá-la, sem exclusão.

Para tanto, exige-se novos aprendizados referentes às qualificações e capacitações a fim de que possam exercer suas funções nos contextos onde atuam e atender as exigências da “formação do cidadão para uma sociedade democrática, referência básica para inserção dos indivíduos singulares no mundo social” (SACRISTÁN GIMENO, 2002, p. 15),

Ao direcionar nosso olhar para a informação, supomos que essa matéria-prima seja de grande valia não apenas para o campo da

¹ Entendemos por tecnologias intelectuais, os diversos meios, ferramentas e suportes que conduzem as pessoas ao uso, manuseio e acesso à informação. Estas tecnologias estão em rápida expansão, principalmente com o crescimento das chamadas “redes sociais” (MSN, Orkut, facebook, twitter e etc) que interligam os povos.

Biblioteconomia/ Ciência da Informação, mas também para busca de soluções nas diversas áreas do saber. Diante disso, é interessante discutir o conceito de informação mostrando a sua importância para a produção do conhecimento. Essa problemática da pesquisa se configurou quando tratamos de escolher um conceito de informação para tomá-lo como base para nortear o nosso estudo. Então, optamos por escrevê-lo assegurado pelos dizeres de Mota e Santos (2002) que focam a informação enquanto matéria-prima para o desenvolvimento científico e tecnológico, tornando-se um elemento essencial considerado como o diferencial competitivo de uma sociedade cada vez mais globalizada. (OLIVEIRA, 2005, p. 107).

Tais autores entendem que a globalização da economia e as tecnologias mudaram os papéis da informação e do conhecimento. E isto é patente quando nos deparamos com as questões que a norteiam a velocidade, a penetrabilidade e a lógica das redes (CASTELLS, 1999) e a forma como os meios de comunicação estão tendo com a aplicabilidade da informação. Nunca é demais questionar que o uso, a utilidade e o manuseio desses suportes (ferramentas) que trabalham com a informação estão sendo manuseados da maneira mais coerente? Será que a forma como os aprendentes estão utilizando as tecnologias estão contribuindo para o processo de uma informação útil, dinamizadora e política? Todos os aprendentes estão incluídos? Desvendar estes percalços será uma de nossas metas ao longo da consecução deste estudo.

Na sociedade da aprendizagem, os ensinantes e aprendentes podem estar separados no espaço e tempo, mas existe comunicação e interação entre ambos. É possível que o manuseio das tecnologias intelectuais possa assegurar a qualidade e a eficácia do processo de ensino e aprendizagem, numa sociedade marcada pela intolerância e pela exclusão?

Nessa fase do domínio da informação, “já não se trata apenas de procurar adivinhar o que se passa nos mais longínquos confins do planeta, trata-se da possibilidade de dispor da informação exata sobre o que efetivamente está acontecendo e, assim, conhecer de forma imediata informações e fenômenos outrora absolutamente inacessíveis. Nessa batalha, os ganhos obtidos contra as distâncias, sejam espaciais, sejam temporais, colocam as civilizações atuais em condições de acesso à informação e o conhecimento nunca antes experimentadas. Trata-se todavia, de uma possibilidade

pouco mais do que retórica já que, como também é reconhecido, a distribuição dessa mesma possibilidade não está eqüitativamente em relação relativamente ao conjunto de civilizações que, atualmente, integram a humanidade” (SÁ-CHAVES, 2001, p. 84).

Diante da importância da informação e de suas vertentes/abordagens na formação de aprendentes face aos avanços tecnológicos em um mundo globalizado com ferramentas cada vez mais sofisticadas, que mudaram às realidades e objetivos educacionais, questionamos: como os suportes (meios e ferramentas) podem influenciar na formação dos bibliotecários? Como as unidades de informação estão se interligando com o advento desses novos suportes (meios ou ferramentas)? Por que uma área que organiza o conhecimento pouco tem questionado em sua produção científica os porquês das exclusões de negros, indígenas, deficientes, mulheres e crianças? Tais respostas serão dadas às luzes dos conhecimentos já estudados de diversos autores e áreas ao longo dos próximos capítulos, como educadores, historiadores, antropólogos e cientistas da informação que já se debruçaram e continuam engajados nessa perspectiva.

Ao longo desta pesquisa, pretendemos enquanto historiador propiciar discussões e reflexões que possam instigar pesquisadores dessas áreas de conhecimento a repensar sobre tais questões. É fundamental assinar que “o conhecimento, nas mais diversas fontes, dimensões, natureza e implicações, e enquanto bem singular, tem sido objeto de apropriação e de sincretismo múltiplos, dada a sua relação intrínseca com o poder que confere aos seus detentores” (SÁ-CHAVES, 2001, p.83).

Trataremos dessas especificidades por ora ressaltadas acima, tendo o cuidado de não expressarmos a exatidão ou afirmações generalizadas, tendo em vista que nessas questões não devem ser aplicadas certezas de uma maneira sustentável, já que existem muitas divergências neste ramo do conhecimento. Esperamos que este estudo possa contribuir positivamente para o campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Assim sendo, o objetivo geral pretende discutir a importância da informação para as áreas de Biblioteconomia/Ciência da Informação no contexto da sociedade da aprendizagem. Operacionalmente, elencamos os objetivos específicos: entender a importância da informação e seus reflexos na

sociedade da aprendizagem e enfatizar uma discussão que trate de abordar uma nova ciência da informação e como se desenvolve as novas políticas de informação.

A organização formal do texto é constituída pela “Introdução” que explicita a motivação, o interesse, a justificativa, a problemática, os objetivos (geral e específicos), as questões de pesquisa e a estruturação do texto.

O “Percurso Metodológico” descreve os métodos utilizados para a aplicação do estudo desta análise, enfatizando a caracterização da pesquisa, identificando o tipo de pesquisa para a elaboração deste trabalho.

O “Referencial Teórico” desenvolve questões que trazem debates sobre o cotidiano, a interdisciplinaridade, o papel da comunidade científica e dos bibliotecários e das bibliotecas como lugares de memória, ou seja, de preservação do saber.

No capítulo terceiro, abordamos a necessidade de uma nova Biblioteconomia/ Ciência da Informação, analisando como se desenvolve as novas políticas de informação e quais são as suas bases de organização, bem como as tecnologias se operacionalizam neste processo e dão suas contribuições.

As considerações finais trarão a resposta ou respostas dadas pelo nossos objetivos por ora elencados acima.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

O historiador Julio Aróstegui (2006) define a metodologia como uma prática em que o pesquisador aprende a descobrir e analisar pressupostos e procedimentos lógicos em que se baseia implicitamente a pesquisa. O método, segundo ele, é um conjunto de regras de procedimento que não se esgotam nem pretende esgotar as possibilidades operativas que todo processo de conhecimento exige.

Para Galliano (1986) “o método é um conjunto de etapas ordenadamente dispostas a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar determinado fim” (GALLIANO, 1986, p. 6). Sendo assim, o contexto metodológico desta pesquisa está inserido no campo científico, em que o processo de busca da verdade fundamentado na investigação planejada e a racionalização são as suas principais características. Nesse sentido, podemos definir a metodologia como o “conjunto de método ou caminhos que são percorridos na busca do conhecimento” (ANDRADE, 2006, p. 129).

Comenta Gil (1995, p.19) que a pesquisa é “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. O autor ainda diz que a pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados.

A reflexão de Minayo (1993, p.23) traz um olhar mais filosófico considerando a pesquisa como atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.

O olhar do pesquisador-historiador reside na natureza de suas fontes de informação (ARÓSTEGUI, 2006). “Portanto, a matéria sobre a qual o historiador trabalha é de caráter muito peculiar: restos materiais de atividades humanas, relatos escritos, relatos orais, textos de qualquer gênero, vestígios

de todo o tipo, documentos administrativos etc". (ARÓSTEGUI, 2006, p.94). Todos estes materiais têm importância singular porque identificamos os mecanismos a que já nos referimos, tendo em vista que, durante muito tempo, e ainda em dias de hoje, o "saber" produzido ficou por muito tempo restrito as mãos da Igreja Católica e de seus monges copistas. Neste estudo, além da pesquisa bibliográfica, utilizaremos o *corpus* documental (artigos, cartas, documentos pessoais, jornais e etc) disponível na Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, referente ao tema em questão, bem como aqueles disponíveis na INTERNET.

Esta pesquisa tem o caráter bibliográfico, pois visa abordar algumas questões já trabalhadas por alguns autores. Nesse sentido, ao discutir sobre pesquisa bibliográfica, Prestes (2003) afirma que essa modalidade objetiva recuperar materiais em diversos suportes informacionais que servem de base para produzir conhecimentos.

A pesquisa bibliográfica é aquela que se efetiva tentando-se resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominante de informações provenientes de material gráfico, sonoro ou informatizado. Para efetuar esse tipo de abordagens, deve-se fazer um levantamento dos temas e tipos de abordagens já trabalhados por outros estudiosos, assimilando-se os conceitos e explorado-se os aspectos já publicados, tornando-se relevante levantar e selecionar conhecimentos já catalogados em bibliotecas, Internet, entre outras (PRESTES, 2003, p. 25).

Andrade (2003) ressalta a importância da pesquisa bibliográfica como uma estratégia de fundamental importância para os estudos exploratórios, sublinhando que todo trabalho científico prescinde desse tipo de pesquisa.

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas [...]. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa [...] todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas. (ANDRADE, 2003, p. 39)

O ponto de vista de Gil (1999, p. 43) é o de que a pesquisa exploratória tem como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias,

com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisadas para estudos posteriores. Este autor considera que este tipo de pesquisa é desenvolvido com o objetivo de proporcionar uma visão geral acerca de determinado fato e ainda frisa que a escolha de tal tipologia se dá quando o tema abordado é pouco explorado.

Para Moraes (1990, p. 111), a pesquisa bibliográfica é o ato de ler, selecionar, fichar e arquivar tópicos de interesse para a pesquisa em pauta, colocando a biblioteca como uma fonte importante nesse processo. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisa bibliográfica.

Alguns pesquisadores não fazem a diferenciação entre pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. Contudo, Gil (1999, p. 66) estabelece a diferença entre ambas:

A única diferença está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico porque ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Em resumo, a diferença é que a primeira apresenta materiais que abordem o assunto tratado, o que não acontece na segunda por ter um caráter inovador de um tema não trabalhado, tendo como base os documentos primários e geralmente escolhido em teses de pós-graduação. A nossa pesquisa insere-se nesse contexto da pesquisa bibliográfica porque já existem materiais em vários suportes que abordam o tema ora estudado.

Com base na orientação de Aróstegui (2006), os procedimentos metodológicos neste estudo constarão de dois momentos: 1) a definição do assunto que iremos pesquisar; a busca das fontes de informação ou documentais, como o cotidiano, a interdisciplinaridade, a organização do conhecimento, as bibliotecas, sua evolução e o papel do bibliotecário e etc, utilizando, para tanto, fontes de informações primárias, bem como secundárias.

A análise das fontes de informação será realizada conforme ressaltou Reyes (1988) que diz que os objetivos deverão ser entendidos como “um procedimento que aplica uma ordem racional e sistemática para a compreensão de um objeto”. (p. 92), além de que, consideramos a ideia de

Aróstegui (2006, p. 92) que define o método como “o conjunto de prescrições que devem ser observadas e de decisões que devem ser tomadas...para garantir, na medida do possível, um conhecimento adequado de seu objeto.

3 A IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO NA SOCIEDADE DA APRENDIZAGEM

Conhecimento, informação e aprendizagem... São nomenclaturas que, no contexto da Biblioteconomia e da Ciência da Informação estão intimamente relacionadas com a sociedade. Todavia, as três manifestações são e requerem o mesmo objetivo: levar, atualizar, identificar, explorar diálogos com que podemos chamar de aprendentes. Todos nós somos convidados a sermos tais, desde que tenhamos por metas o uso e sintamos por necessidade o uso da informação.

Neste capítulo vamos falar de cotidiano, de interdisciplinaridade, bibliotecas, bibliotecários e, também, dos usuários e dos desafios que os mesmos têm junto à informação, contextualizando cada momento deste à luz da importância na sociedade que por ora vamos designar no nosso trabalho de “sociedade da aprendizagem”. Pensamos ser inevitável não caracterizar a evolução do cotidiano sem levar em conta às necessidades de aprendizagem, seja dos homens, das máquinas, das instituições e etc. No bojo desta discussão traçar a questão interdisciplinar associada ao contexto da sociedade da aprendizagem também é uma tarefa propícia, tendo em vista que diversos campos e áreas dos saberes utilizam, reutilizam a informação como objeto de seu conhecimento. Nós – bibliotecários – também não somos diferentes. Precisamos a todo instante estarmos dialogando com as diversas ciências para sermos mais precisos e compreensíveis no nosso fazer bibliotecário.

Ainda nos motiva estudar como nossa formação está sendo vista nos últimos anos, bem como ela se comporta ao seu lugar essencial: as bibliotecas. Dissemos em nossa metodologia que a informação ficou durante muito tempo presa às bibliotecas antigas e medievais, sendo então, lugares de memória e guardiãs das lembranças. No entanto, muita coisa mudou, o mundo se globalizou e a informação corre aceleradamente pelo seio das sociedades. Entender como aprender nessa sociedade também será uma de nossas metas.

E, por fim, apresentar como se comportam os seus agentes mais preciosos – os usuários – e quais as suas necessidades, expectativas e como a sociedade da aprendizagem é relevante para que os mesmos se satisfaçam nesse “boom” pelo qual vem passando o conhecimento. Neste contexto, a

sociedade atual oferece meios nunca antes disponíveis com vistas a circulação e armazenamento de informação e facilidade de comunicação, a educação é convocada para assumir a função de transmitir, de forma concreta e eficaz, cada vez mais saberes e saber fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro (DELORS et al, 1998).

À luz desta interpretação é que pensamos que a educação seja o saber mais profundo para lidar com tantas adversidades, já que a educação do presente e do futuro, segundo estes autores, deve está centrada em quatro pilares, os quais podem ser aplicados ao conhecimento/informação.

3.1 INFORMAÇÃO E COTIDIANO

Pensando o conceito de informação que apresentamos na introdução deste trabalho, que em tese diz que a globalização é requisito substancial no processo de acumulação de informações, trataremos de apresentar como o cotidiano representa tamanha importância para a sociedade da aprendizagem, analisando como a informação emergiu do lombo dos burros na Antiguidade até ao advento da Internet, pós Revolução Industrial. É sobre esta ótica que iremos nos debruçar a partir deste tópico.

O cotidiano está inexoravelmente arraigado no seio das sociedades. E em cada processo do dia-a-dia, surgem sempre reflexos das práticas circunstanciais da sociedade da aprendizagem, ou seja, os homens nas sociedades tomam seu cotidiano para buscarem sempre o aprendizado de algo. Seja em escolas, repartições, universidades. É uma atividade que requer um pluralismo enorme. Desta forma, antes de discutirmos as etapas pelas quais a sociedade da aprendizagem interferiu e interveio na evolução do cotidiano, corroboramos com o pensamento de Pozo (2004) no que se refere a forma como se articula o conhecimento:

a articulação dessas características sugere a natureza auto-referente dessa sociedade, em que aprender constitui a ação nuclear... A cultura simbólica dessa sociedade implica novas formas de aprendizagem, o que sugere a emergência de um modelo cujos veículos mais eficazes de acesso são os "processos de aquisição desse conhecimento, uma vez que são as ferramentas mais poderosas para espalhar ou distribuir socialmente essas novas formas de gestão do conhecimento"

e que podemos denominar sociedade da aprendizagem. (apud GASKE ; TESCAROLO, 2004, p.1).

Na antiguidade, com as enormes distâncias entre as sociedades a disseminação da informação era dificultada, todavia a tração animal dos lombos dos burros foi a maneira primitiva de circulação da informação. Conforme Milanesi (2002, P. 35-36) “grandes distâncias eram vencidas por cavaleiros ou condutores de carroças. Os rios poderiam ser vias, mas o transporte fluvial era tão lento quanto o dos cavalos”.

O sentido histórico é o da evolução e o que passou a ser feito por animais, com a descoberta do vapor foi substituído pelo trem, que passou a ser peça de tamanha singularidade no processo de transporte não só de pessoas, bem como de impressos, como, por exemplo, os jornais. Percebe-se assim, uma crescente rapidez no processo de disseminação da informação e na circulação dos bens culturais e do conhecimento. Então, os trens eram sinônimos de transportes dos meios de aprendizagem e começou a dar nova dimensão ao cotidiano das pessoas, até porque, além de jornais levavam, também, revistas e livros. Para se ter uma noção, é devido a este meio de locomoção que a primeira biblioteca brasileira pública, em Salvador foi sendo estruturada.

As rotinas e práticas tiveram um grande “boom”, com a explosão do rádio e da televisão. O rádio apresentou um contexto de pela primeira vez na história diminuir a distância que existia entre a comunicação. A televisão, por sua vez, trouxe mais dinamicidade, radicalização, porque foi um meio que unia as famílias em frente dela. Nos lugares de educação mais vulnerável, “a televisão trouxe um volume maior de conhecimentos assimilável que se tornou desejável”. (MILANESI, 2002, p. 41). Mesmo assim, as bibliotecas não tiveram seus papéis mudados. Somente na década de 70, no Brasil, que se teve uma estimativa de popularizar a necessidade de leitura.

Porém, com o avanço tecnológico, com a Internet, o computador transformou-se em peça fundamental no papel de informar. Com a popularização da internet e suas ferramentas, instala-se hoje a lógica da comunicação em substituição à lógica da transmissão na qual o aprendente é convidado à livre criação, e a aprendizagem ganha sentido sob sua

intervenção. Nesse contexto, a interatividade possibilitada pelas tecnologias de rede e informação amplia as condições de interação e aprendizagem, ao configurar cenários educacionais próprios à cooperação e colaboração, e apoio à construção de conhecimentos.

3.2- INFORMAÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE: um jogo em comum

De acordo com Saracevic (1992) a interdisciplinaridade na ciência da informação surgiu mediante as necessidades de cada campo em procurar obter respostas quanto ao seu objeto de estudo, que é a informação. Desta forma, engenharia, biblioteconomia, química, física, história, matemáticos, cientistas da computação etc passaram a tratar a informação como o eixo central de suas discussões. E se levarmos em consideração que tudo gira em torno da informação, a questão interdisciplinar será sempre recorrente.

Desta maneira, enveredar acerca da temática da interdisciplinaridade como definição de objeto de estudo da ciência da informação\bioteconomia, faz-se necessário elencar que esta discussão gera indubitavelmente uma questão de debate.

É inerente ressaltarmos que tal análise, nos permite dissertar sobre uma questão que está em definição, ou seja, ainda hoje é muito discutida, problematizada essa indagação sobre a interdisciplinaridade e seu objeto para o campo em questão, bem como para outros, como a comunicação, por exemplo.

À guisa dessa trajetória, entendemos por questões interdisciplinares, a junção de várias disciplinas e as contribuições que elas têm umas para com as outras. No caso em testilha, a informação, a grande questão é mesmo definir seu objeto, pois pensar nessa ciência é veemente pensar um sentido interdisciplinar, ou seja, refletir como a informação pode aparecer, se ela está inserida nas demais ciências?

Por isso, destacamos que a mesma é “uma espécie de encruzilhada pela qual muitos passam e onde poucos permanecem (BRAGA, 2001). São de relativas contribuições as diversas teorias que estudam sobre o objeto da informação, até porque as mesmas enfrentam vários entraves. Tais, são

justamente os questionamentos figurados na discussão da interdisciplinaridade, porque ela provoca de fato essa tendência para o debate.

No entanto, caracterizamos como propostas de objeto informacional, fundamentada no aspecto interdisciplinar, a discussão relevante ao papel do emissor, da mensagem e dos códigos utilizados e, principalmente, os meios que extravasam esse enredo ovacionado pela informação. Tais aspectos são importantes, pois estabelecem a transmissão de informação e permite a realizações de carácter interpessoal, intrapessoal, intergrupar e de massa, possibilitando, assim, um maior nível de consciência entre os homens. Com isso, como diz Carvalho (2004) estas perspectivas provocam a “recuperação e uso da informação e do conhecimento” (p. 105)

Neste sentido, a interdisciplinaridade diz muito para a sociedade da aprendizagem, sendo inerente porque as pessoas precisam aprender novas coisas, se comunicarem certo e rápido. E este processo é dialogado pelos vários campos dos saberes, e mesclam questões na vida em coletividade, que é uma questão básica para todos nós que vivemos nos comunicando e, também, aprendendo.

Se a questão é fazer com que a comunicação e a informação apareça frente às outras ciências, é notório relatar que a mesma tenha como objeto algo de específico, como por exemplo, os meios de comunicação. Mas, como esse enredo norteia um grande debate, ainda é preciso pensar num objeto para a informação (mesmo com a interdisciplinaridade), pois a mesma está presente em todas as esferas da vida em coletividade.

No bojo desse processo, compreendemos que a discussão interdisciplinar bem como as teorias que fundamentam a informação e a comunicação são questões de grande valia para que as diversas áreas reflitam, problematizem e fechem o seu objeto, fazendo com que tal debate chegue a uma especificidade, ou pelo menos ao mais próximo disso e que tenham seus objetivos específicos e plausíveis.

3.3- A COMUNIDADE CIENTÍFICA E A INFORMAÇÃO: o papel das bibliotecas e dos bibliotecários

Traçar o caminho que têm as bibliotecas e os bibliotecários e como usam a informação no contexto da sociedade da aprendizagem é uma tarefa árdua, já que “vivemos em uma sociedade da aprendizagem, na qual aprender constitui uma exigência social crescente que conduz a um paradoxo: cada vez se aprende mais e cada vez se fracassa mais na tentativa de aprender”. (POZO, 2007, p.34).

Em toda profissão a busca pelo aprendizado é valiosa. Mas, para a Biblioteconomia, este aprendizado é muito importante, pois sua área possui afazeres onde errar não é permitido, como por exemplo: a indexação e a catalogação de um livro. O fracasso pode até ocorrer, mas, certamente, será um erro crucial no trabalho dos bibliotecários e sua missão nas bibliotecas.

Nascimento (2000) em seu artigo ressalta que existe um modelo a ser seguido quanto a atuação do profissional de informação e diz que

os bibliotecários a exemplo dos demais profissionais, têm que aprender na escola e na vida, num contexto educacional que comporta o ensino formal descrito no formato presencial e à distância, na aprendizagem colaborativa, na auto-aprendizagem e na aprendizagem possível, através da comunicação informal. O reconhecimento do aprendizado adquirido na universidade logo se defronta com os meandros do mercado em expansão, do surgimento de novos competidores e da gestão de novos paradigmas. Nesse sentido, a aprendizagem e o conhecimento são os melhores instrumentos para garantir os direitos de cidadania e, ao mesmo tempo contribuir com o outro lado da questão – os deveres de qualquer cidadão. A conquista do profissional da informação nessa sociedade que se anuncia consiste em “Aprender a aprender” porque sua principal missão reside, essencialmente, na manipulação do estoque de informação, trabalhando com o ciclo do conhecimento: criação, disseminação, assimilação, sistematização e aplicação do conhecimento (NASCIMENTO, 200 p.1).

Tomando como base este ensinamento, vamos analisar como as bibliotecas são importantes para o trabalho dos bibliotecários. É muito importante deixar claro que estes espaços remontam a Antiguidade Clássica, como forma de preservar os conhecimentos gerados pelos homens, em diferentes sociedades. O surgimento das mesmas foi possível mediante a demanda de informações, bem como a necessidade de registros de conhecimentos e de suas conservações, por exemplo. Durante o universo

medieval os espaços e o papel assumidos pelas bibliotecas foram o de ficarem restritas aos espaços da Igreja Católica e dos seus mosteiros. Isto coincide com o poder da igreja que naqueles séculos produzia e tornava legítimos os conhecimentos.

Mas o tempo evoluiu e a biblioteca moderna possui inúmeros tipos, que vão das nacionais, até as comunitárias, passando pelas públicas, universitárias, especializadas, escolares, especiais, ambulantes e etc. De uma maneira geral, as bibliotecas enquanto lugares de organizações possuem três grandes papéis, que são: o administrativo e organizacional, como função gerenciadora; a seleção, aquisição, catalogação, classificação e indexação, como função organizacional e, como função divulgadora: a referência, os empréstimos, a orientação, serviços de disseminação e extensão, por exemplo.

O papel de gerenciamento é sempre acompanhado de uma política para a biblioteca para que a mesma possa buscar o seu melhor desempenho. O papel organizacional presume atividades especializadas, como catalogação e classificação do acervo, indexação, pois tais serviços são essenciais nas unidades de informação. Já o papel da divulgação é muito importante e deve ser uma tarefa de preocupação, tendo em vista que consiste na comunicação do que os usuários as informações necessitam. Ainda de acordo com Nascimento (2000):

No caso particular da biblioteca, historicamente sabe-se que as forças de mudança do perfil do profissional da informação e dos rumos dos próprios centros de informação não estavam em seu interior, mas ocorriam à sua revelia. Desde a década de 1970, Litton já alertava que “os diretores de bibliotecas que queiram ver chegar um tempo de glória e grandeza para a venerável casa do livro, deverão buscar, dentro dela, os instrumentos que permitam alcançar a transformação desejada, sem esperar a ajuda de fora. Há uma poderosa força renovadora em potencial nos programas de formação do pessoal.” (LITTON, 1975) O que sugere que a adoção de um enfoque evolucionário permitirá aos bibliotecários se adaptar e adotar os novos paradigmas. É sabido que o mundo do trabalho e da possibilidade de empregabilidade está repleto de conhecimento tácito que exige, entre outros requisitos, boa capacidade de integração, comportando sempre aprendizes de várias faixas etárias, interesses individuais e “backgrounds” distintos, o que está a exigir uma maior diversidade de opções de aprendizado. Fala-se, até, no ensino onipresente, onde o aprendizado acontece para qualquer um, em qualquer lugar e

em todo o tempo. Em síntese, é o aprendizado ao longo da vida. E de que forma se daria? (p. 6)

No entanto, o papel do bibliotecário\profissional da informação é imenso. São muitas responsabilidades. A sociedade da aprendizagem com a sua grande demanda de informação e aparato tecnológico o fez por chamar os bibliotecários como profissionais da informação. De acordo com Le Coadic (1996) esses profissionais são aqueles que adquirem informação registrada, indexam, armazenam, recuperam e distribuem essa informação em sua forma original ou como produtos elaborados a partir dela. (p. 106). Para Guinchat e Menou (1994) estes profissionais incluem subcategorias de uma profissão única, a de “especialista em informação”. (p. 95).

Apresentando estas duas visões percebemos o quanto é complexo a atividade do bibliotecário, assim como seu campo de atuação, que não é apenas restrito as bibliotecas, mas, também, as editoras, livrarias, empresas, bancos, bases de dados, museus e etc. Estes modelos ditam uma tendência a estar imerso em uma sociedade em que a dependência e a intensidade do uso de serviços e produtos que informem sejam sempre o modelo a ser seguido, pois:

É nesse espaço que surge, com maior impacto, o papel do bibliotecário. Não que velhas rotinas, antigos trabalhos efetuados em bibliotecas serão eliminados, mas o trabalho do profissional da informação está a exigir novos papéis. Os diversos mundos dos bibliotecários estão contidos em dois paradigmas, que se opõem e que esperam uma mudança de atitude. Se em determinado momento o profissional da informação lidava com práticas consagradas e cristalizadas, hoje a dinâmica impõe uma variedade e diversidade de papéis ao bibliotecário que parecem co-existir em um universo caótico. Assim, é possível didaticamente pensar no convencional anteriormente vigente e no atual, que operam num processo de superposição. (NASCIMENTO, 2000, p. 10).

Sendo assim, ressaltamos que a comunidade científica tem um amplo desafio pela frente no que concerne ao campo da Biblioteconomia e da informação.

3.4- BIBLIOTECAS COMO LUGARES DE MEMÓRIA

A discussão de que as bibliotecas remontam a um passado longínquo já não são mais novidades para ninguém. Elas foram por muito tempo as guardiãs dos saberes da humanidade, que por sua vez estão perpetuados pelo tempo, seja nos livros, nas mídias e nas sociedades. A sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem é responsável por esta dinâmica de estudar como estes espaços – as bibliotecas - se tornaram e fixaram como lugares de memória.

O estudo da memória é bem inerente ao conhecimento histórico. Os historiadores pesquisam a fundo sobre esta temática para tentarem mapear e separar o que é história do que é memória. Nos dias de hoje, se fossemos levantar este debate no seio do senso comum, teríamos respostas infundas sobre o que é memória. O que se sabe é que para a historiografia e para o conhecimento ela tem pressupostos relevantes e essenciais para a compreensão dos fatos do passado.

Com base nas indagações acima, concordamos com a seguinte preposição de que:

A memória tornou-se um dos principais elementos para entender o mundo social, pois nos possibilita saber quem somos, integrando nosso presente ao nosso passado. Olhar como se dá a relação do homem com o universo social: o que cria, produz, apropria, incorpora e simboliza, é fundamental para compreender o movimento da ação e do fazer do homem como manifestação social e constituição da sociedade. (ARARIPE, 2001, p. 71)

No entanto, com as bibliotecas também não são diferente. Elas são ao fim e ao cabo lugares de memória. Memórias das mais variadas e dos vários campos dos saberes. Lá se encontram informações pertinentes para o universo de milhares de estudiosos de muitos espaços organizacionais: universidades, escolas, organizações e etc.

Levando em consideração a preposição de que os lugares de memória estão ligados a acontecimentos e personagens, podemos dizer que a biblioteca é um desses lugares, que são sempre construídos e que não aparecem de maneira espontânea. São construídos porque buscam a preocupação com os momentos, com a coletividade, com a identidade cultural, que para Ramos (2000) é um conjunto vivo de relações sociais e patrimônios simbólicos

historicamente compartilhados que estabelece a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade. Sendo um conceito de trânsito intenso e tamanha complexidade, podemos compreender a constituição de uma identidade em manifestações que podem envolver um amplo número de situações que vão desde a fala até a participação em certos eventos.

Esta por sua vez se faz a partir da memória, que está atrelada a um passado, as tradições, a história dos países, cidades e comunidades. É nesta forma de memória que o conhecimento humano se perpetua como construtor de um ser social ativo, participativo e que tenha por fim sua identidade cultural. Assim sendo:

Estudar a memória coletiva implica olhar os acontecimentos e as interpretações do passado que se deseja guardar e apresentar, como forma de reforçar sentimentos de pertença e de fronteiras entre diferentes grupos sociais, partidos políticos, igrejas, sindicatos, regiões, famílias, nações e etc, haja vista que a referência ao passado dá a possibilidade de se manter uma coesão dos grupos e das instituições que formam a sociedade e montar um quadro de referência que mantenha uma unidade interna, pois o que preocupa com a construção da memória é o sentido da identidade, não só do indivíduo, mas do grupo (ARARIPE, 2001, p. 72)

Desta forma, percebemos que um dos papéis das bibliotecas como lugares de memória é bem este de assegurar condições de pesquisa e de conhecimento para aqueles que a procuram, sejam grupos, instituições e/ou usuários comuns.

Uma característica bem intrínseca das bibliotecas enquanto espaços de memória tem bastante relação com coletividade, pois a memória coletiva é uma construção organizada e não apenas uma conquista, mas também são mecanismos de poder, pois a partir dessa interação é possível se pensar melhor a sociedade, as lutas sociais e etc. Toda essa gama de informações pertinentes a luta coletiva estão arraigadas no seio das bibliotecas, elevando-as ao patamar de lugares privilegiados de memória.

A biblioteca também é um lugar de memória plural de inúmeras contribuições, ou seja, é patrimônio arquitetônico, guardam as datas, as passagens, os personagens históricos, as simbologias, a musicalidade. É,

portanto, construtora de uma identidade, seja nacional, regional, local e etc. Sendo assim:

Na biblioteca, a memória se apresenta de duas maneiras: primeiramente no que diz respeito ao especificamente material: as formas arquitetônicas dos seus prédios e a forma física dos materiais ali guardados e segundo, no que se refere aos conteúdos dos materiais ali organizados que dizem respeito a pensamentos e caminhos trilhados pelos homens e, portanto, elementos indispensáveis para a perenidade do tecido social e das estruturas institucionais de qualquer sociedade. (Op. Cit, 2001, p. 74)

No entanto, este espaço é um lugar típico de memória, seja individual, seja coletiva. São lugares que podem ser considerados como patrimônio cultural de um determinado grupo quando, alguma forma, ajudam a formar a sua identidade por fazerem parte da sua memória. Muitas vezes, pensamos que estes lugares podem ter se tornado lugares de memória por acaso, já em outros casos a intenção de conscientização influente na formação da memória das pessoas a partir da construção de monumentos.

Por fim, entendemos que não são apenas as edificações que fazem parte do patrimônio cultural de uma sociedade. Saberes, técnicas e lugares também podem compor o patrimônio cultural e a memória de lugares, de indivíduos, grupos sociais diferentes.

3.5- O USUÁRIOS DAS BIBLIOTECAS

Os usuários que utilizam as bibliotecas são dos mais variados possíveis, pois cada um é atrelado a um nível cultural diferente do outro, possuindo necessidades, expectativas e informações diferentes.

Sobre tais, a literatura os caracterizam como sendo “usuários da informação”, existindo inúmeros conceitos de vários autores que se debruçam especificamente em conhecer este tipo de perfil. Todos eles estão inseridos dentro da perspectiva da sociedade da aprendizagem, o que podemos, chamá-los, também, assim, de aprendentes.

Abaixo, enfatizaremos alguns conceitos que preponderam dentro da literatura da ciência da informação, sobre usuários da informação, tais, como:

“são indivíduos, grupos ou comunidade, favorecidos com os serviços da biblioteca, sistemas ou centros de informação e documentação”. (MORAES, 1994).

“é aquele indivíduo que necessita de informação para o desenvolvimento de suas atividades”. (SANZ CASADO, 1994).

“é um agente essencial na concepção, avaliação, enriquecimento, adaptação, estímulo e funcionamento de qualquer sistema de informação”. (GUINCHAT E MENO, 1994).

Tomando como guia estes conceitos, podemos traçar uma discussão sobre os variados usuários e perceber o tipo de biblioteca que freqüentam e sua necessidade de informação, bem como outras unidades de informação, como, por exemplo, os museus e os arquivos.

No bojo desse processo, é patente ressaltar que a informação deixou de ser uma utilidade de posse de uma minoria e passou a ser um bem desejável e utilizável por milhares de pessoas no mundo inteiro. Ela é um fator norteador de mudanças para os indivíduos nas sociedades que vivem, pois na era da globalização e tecnologias, as pessoas que melhorarem se adequarem a estas, terão sucessos mais eficazes num projeto de vida.

Desta forma, dizemos sem temer que a informação está em todos os lugares. A era pós Revolução Industrial dinamizou a vida dos seres humanos, em todas as áreas e campos dos saberes. Um ser bem informado, conectado com esta sociedade da informação está cada vez mais apto a ser um disseminador inexorável do fenômeno chamado informação.

Por outro lado, também não podemos deixar de registrar que existem aqueles grupos que não dispõem de informação suficientes para serem agentes ativos nos processos de disseminação nessa sociedade da aprendizagem, o que os fazem buscarem a inclusão como mecanismo de inserção no campo informacional. Todavia, não precisa ser um fenômeno em tecnologia para realizar façanhas na rede, porém, é fundamental que se tenha ao menos uma vivência diária com as máquinas. Vemos pessoas que não têm instruções, mas que conseguem ser excelentes manuseadores das mídias tecnológicas, pelo fato da mesma ser objeto de desejo de todos.

Diante dessas exposições, a informação surge quando os seres humanos ainda são pequenos. Sendo assim, as **crianças** é um dos públicos, ou talvez,

“o público mais complexo dos serviços de informação”. (MILANESI, 2002, p.56). Isto se deve ao fato da fase da curiosidade que elas são acometidas a ter. Os impactos tecnológicos contribuem para chamar atenção dos menores nesta era. São, em tese, um grupo bem interessante no contexto da sociedade do aprendente.

As crianças têm anseios que necessitam de assistências individuais. Este grupo de usuários requer todo um cuidado especial, tendo em vista que as crianças procuram a biblioteca para buscarem respostas daquilo que seus professores lhes passaram, bem como, em muitos casos, apenas inteiramente por prazer. Neste caso, segundo Milanesi (2002):

as crianças de um modo geral são tratadas como escolares. Dessa forma, nas bibliotecas estabelece-se um diálogo triplo: o atendente, a criança e o professor – este representado por uma folha de caderno no qual está especificada a tarefa a ser feita. (p.57)

A questão da educação que os pais dão aos filhos também é norte interessante, porque se não há incentivo a leitura, certamente, elas optarão pela televisão, ou pela internet e acaba se consistindo numa atividade em que o lúdico é mais preponderante. Isto sem contar na questão econômica, em que uma criança mais rica dispõe de meios tecnológicos mais empoderados no processo da aprendizagem. Isto não é regra, mas é um fator que tem de ser levado em consideração.

Um outro grupo de usuários são os **estudantes**. Aqui quando falamos deles, ressaltamos aqueles que entram na fase da adolescência, onde o nível de trabalhos e pesquisas passam a ser maiores devido ao aumento de conteúdos, bem como as exigências dos professores. Nesse contexto, as expectativas desse grupo são diferentes das dos menores. De acordo com Guinchat e Menou (1992) este grupo aspira uma relação de aprendizado como atitude com relação à informação e possuem um tipo vulgarizada enquanto à necessidade de informação.

A questão da adequação do espaço ao público é fundamental. Geralmente, nesta faixa de idade da adolescência os interesses também se desviam para outras questões que começam a surgir, como os relacionamentos, por exemplo. Em muitos casos, os estudantes não sabem

como conciliar estudos com o namoro, o que acarreta um desempenho irregular nas atividades solicitadas pelos professores. Neste caso as cópias feitas da internet são sempre freqüentes.

Mais maduros, o grupo de usuários **universitários** são outra categoria interessante. E, para eles, a possibilidade de pesquisarem em bibliotecas grandes e muitas vezes bem aparelhadas. É sempre importante também ressaltar que a questão da maturidade nem sempre é regra, porque também existem aqueles que ainda mesmo nas universidades desenvolvem as mesmas potencialidades enquanto estavam no ensino médio.

A internet, para o terceiro grau é sempre um instrumento forte no sentido pela busca da informação. Existe muita reciprocidade entre os usuários, no que concerne aos textos, aos links, bases de dados e etc, na tentativa dos mesmos solucionarem seus desejos de informação. São grupos extremamente complexos dentro dessa sociedade do aprendente.

De acordo com Sanz Casado (1994), os **pesquisadores** são agrupados em função de seus hábitos e necessidades de informação. O grupo é formado por uma ampla gama de cientistas puros e experimentais, tecnólogos, cientistas sociais e humanistas, apresentando características similares no que se refere ao uso da informação. As fontes de informação depende da especialidade de cada um, sendo as mais freqüentes as primárias e secundárias: periódicos, monografias, anais, teses, manuais, índices, revistas e base e dados etc.

A busca pela informação é realizada pelo próprio usuário ou por profissionais da informação. Para este tipo de usuários a informação é matéria prima que utilizam em seus processos científicos para gerarem novos conhecimentos. As barreiras a comunicação da informação para este grupo serão bem menores pelo fato dos mesmos terem um nível de pesquisa mais acentuado, porém, não estão imune a passarem por problemas de tempo, eficiência, tecnologia e terminológicas, por exemplo.

Por fim, o maior de todos os grupos de usuários: o **cidadão**. É inerente se achar que este grupo porque não está na escola ou na universidade não precisa de informação. Mas, pelo contrário é quem mais precisa, porque estamos falando dos homens mais comuns que estão nas ruas, lojas, fábricas, casas, agricultura, no ramo liberal, idosos e etc.

Neste caso o estudo desse tipo de usuário se torna complexo devido a sua grande heterogeneidade que se traduz na dificuldade de estabelecer grupos de usuários em função de suas necessidades de informação. O tipo de informação que necessita o cidadão comum é muito variado e dependerá da atividade que esteja realizando, ou de interesses pontuais por determinados temas da atualidade. Neste sentido, a informação científica e técnica que necessitam tem que ser interpretada e aplicada, apropriadamente, para que entenda a sociedade em que está inserido.

Ao fim e ao cabo, cada grupo realiza suas necessidades de acordo com a quantidade de informações que recebem. Tendo ela reconhecida, procura-se definir como se satisfazer e como se processará a definição do objeto. Cada categoria tem formas de informação preferenciais em cada caso específico.

4 POR UMA NOVA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO/BIBLIOTECONOMIA

Ao propor esta discussão neste capítulo, apesar de ser um tema que está sendo muito investigado, iniciaremos dando alguns conceitos inerentes à ciência da informação, para fixar nossa linha de raciocínio e ter um norte a seguir. Porém, a nossa proposta é tentar formular novas ideias que contribuam para uma nova ciência da informação: mais preocupada com questões apagadas pelas literaturas de muitas áreas do saber, como, por exemplo, o pouco destaque a cultura negra nos livros etc.

Para isto, na primeira parte deste capítulo iremos mostrar que esta é uma tarefa árdua, porque existem muitos percalços, desafios e perspectivas. Tentar apresentar estas questões são tarefas essenciais desta primeira discussão. Já num segundo momento, iremos apresentar algumas políticas informação e as necessidades de discuti-las com mais profundidade, tentando ao final sugerir um debate interessante para à ciência da informação, bem como para à Biblioteconomia.

4.1 DESAFIOS, CAMINHOS E PERSPECTIVAS

Os desafios, caminhos e percalços da ciência da informação são inúmeros, porém, apresentaremos alguns conceitos deste campo de saber que na visão de Robredo (2003) são indispensáveis para o entendimento do mesmo.

Para este autor o mais interessante não é fazer uso de um passado remoto e sim, trabalhar com os conceitos que apareceram após as guerras mundiais, até a Conferência Internacional sobre informação científica, em 1958, junto com os da décadas de 60 a 80 e os da década de 90 a atualidade.

Já para nós, delimitaremos o espaço de tempo ligado a atualidade, pois acreditamos serem tais conceitos os que são mais impactantes para os trabalhos dos cientistas da informação e dos bibliotecários.

Dessa forma, acreditamos, assim como ele, que a ciência da informação parece estar atingindo uma conjuntura crítica em sua evolução, já que a sociedade da informação está se acelerando em todo o mundo desenvolvido, com efeitos consideráveis, também, nos países em desenvolvimento, como o

Brasil, por exemplo. Aqui temos um primeiro desafio: será que o Brasil nas suas organizações estão discutindo de forma coerente e incluindo de fato todos os agentes da sociedade da aprendizagem? Será que nossa área de conhecimento está mesmo agrupando todas as instituições na sua literatura? Estas são questões que estão a toda hora sendo discutidas nos eventos da área, nas salas de aula, mas que nos parece que fica mesmo na discussão e não chega a alcançar o patamar da centralidade. Porém, cabe a nós mudarmos a dinâmica deste caminho, fazendo com que tais processos sejam discutidos mais de forma mais reflexiva, e que, possamos ainda mais sermos agentes difusores destas questões.

Para tanto, é necessário não esquecermos que as outras áreas também são importantes, já que as relações interdisciplinares de todos os campos envolvidos de uma ou outra forma com problemas de informação estão mudando. Sendo assim, o objetivo teria por finalidade o estudo das propriedades gerais da informação, a reflexão sobre seus processos, uso e aplicabilidades.

Uma questão que precisa ser resolvida ainda seria aquela com relação a nomenclatura do termo, já que a ciência da informação é vista por muitos como um ramo da ciência da computação, com esta atribuindo a estrutura e aquela o contexto. Isto interfere na relação com a biblioteconomia, pois este seria um dos desafios mais complexos e de ordem intelectual que a ciência da informação e a biblioteconomia enfrentam.

Por isto, Araújo (2003) considera a ciência da informação como uma “ciência social aplicada”. Em várias instâncias, existe um espaço específico para a discussão da natureza social dos fenômenos informacionais (por exemplo, nas linhas de pesquisa em “Informação e Sociedade”, “Informação e Cultura” ou “Ação Cultural”. (p. 21). É por esta razão que como já dissemos acima, optamos pelos conceitos mais atuais. Ainda de acordo com ele, “as relações entre a ciência da informação e outros campos do conhecimento como a biblioteconomia e a documentação pode-se dizer que surgem em meados do século XX” (p.21). Então nada mais oportuno do que entender as reflexões do hoje.

Um outro conceito apresentado por Robredo (2003) diz que “a relação entre biblioteconomia e ciência da informação é um dos problemas intelectuais

mais complexos que a educação em ciência da informação e biblioteca enfrenta” (p.69). Além de ser mais uma visão, esta também é um desafio que as mesmas enfrentam e precisam ser resolvidos no futuro. É aquela velha questão de cada uma encontrar sua identidade, mesmo que venha a ter o mesmo objeto – e não podem fugir disso- que é a informação.

Embasados nestas algumas maneiras de enxergar a ciência da informação e a biblioteconomia, apresentaremos aquilo que classificamos como os desafios e os percalços que as mesmas enfrentam há um bom tempo. Em primeiro lugar a questão do que venha a ser o ponto de partida de cada uma: o quê estudar, para quê estudar? Perguntas clássicas que dividem as opiniões em torno da literatura da área. Nos parece muito claro que os próprios estudiosos da área não conseguem uma boa conexão para solver estas perguntas. Pelo contrário, colocam mais pano de fundo para as discussões.

Há muitos autores que veem uma questão que é bem interessante na área: os aspectos metodológicos. Este percalço é muito discutido pelos estudiosos e Bates (1999) afirma que com relação a este desafio “a ciência da informação recorre a “instâncias” das ciências sociais e das ciências da engenharia, ou seja, uma metodologia sócio-técnica”. (p. 73). Este é mais um desafio a ser definido: a metodologia a ser desenvolvida pela ciência da informação e pela biblioteconomia. A questão metodológica de ambas as disciplinas precisam serem bastante pensadas e bem resolvidas, porque a metodologia de um campo transmite muito de sua identidade e de suas particularidades.

Um outro desafio que este campo enfrenta está relacionado a questão da informática e sua conexão com a sociedade. No caso do Brasil, por exemplo, muita gente ainda enfrenta dificuldades na hora de lidar com as máquinas. Esta é uma questão nítida que pode ser vista nos bancos, nas escolas e nas próprias universidades. Professores da área que ainda não dominam a técnica das tecnologias e suas facilidades quando a questão é ministrar uma aula.

Este desafio vem sendo paulatinamente discutido pelas autoridades como uma questão prioritária para o povo brasileiro: a educação tecnológica nessa sociedade que estamos vivendo que é a da informação e a da aprendizagem. Todos precisam estarem aptos a fazer parte deste ciclo que

ainda hoje é incipiente e excludente, ou seja, quem não consegue dominar questões básicas de informática estão afastados do mercado do trabalho e de outras oportunidades de lazer, cultura, entretenimento que as tecnologias nos apresentam.

Existe, também, uma questão cultural forte com relação a um certo receio das máquinas, principalmente pela população mais idosa, que vê com bons olhos muitos de seus problemas serem resolvidos pela máquinas.

Mais um percalço ligado a área é aquele apresentado por Saracevic (1997) de que a ciência da informação por ser interdisciplinar precisa ser desenvolvida por três pilares, que vão desde a recuperação da informação, passando pela relevância e pela interação, sendo necessários estudo de multimídias, e multilíngua, bibliotecas virtuais e buscas na internet.

Ao fim e ao cabo todas estas questões apresentadas e discutidas neste tópico são desafiadoras para a ciência da informação, para a biblioteconomia e para a documentação, pois são desafios muito atrelados a pontos de vistas e pesquisas em separado, compartilhadas por meio de conferências, simpósios, encontros, mas que predomina uma forte barreira com relação aos conceitos, a metodologia e as resolutividades. Esperamos que estes impasses caminhem para frente e sejam alvo de um único esforço e objetivo: o cuidado e o manuseio com a informação.

4.2- NECESSIDADES DE POLÍTICAS DE INFORMAÇÃO

Ao tratar desta questão, pensamos antes de mais nada nos usuários que serão beneficiados com as políticas de informação, desde que elas sejam implementadas de maneira consistente e que abarque todos aqueles que convergem na sociedade da aprendizagem.

Quando pensamos o termo política, a própria nomenclatura do termo é bastante complexa, pois tal questão remonta a um remoto passado. Porém, quando se trata das políticas de informação, muitas são as questões, as inquietações e as inferências que precisam ser discutidas.

Uma primeira questão que chamamos atenção está ligada a Internet, já que a mesma serve como plataforma tecnológica convergente e marco da sociedade da informação, e tanto pode contribuir para o fomento, quanto para a

restrição de diversidades culturais e identidades regionais. As políticas de informação, a disputa de forças entre grandes grupos econômicos combinada com a participação dos Estados consolida uma crescente concentração empresarial no mercado de telecomunicações e isto tem sido o papel fundamental para as políticas de informação e para as questões ligadas a pluralidade sócio-cultural e identidades.

Aqui, volto a chamar atenção para a necessidade de uma política de informação que não seja excludente e que abarque no seu norte todos os agentes das sociedades, sejam eles índios, negros, gays, pobres e etc, ou seja, uma política onde o preconceito seja combatido com veemência, pois quando lidamos com a informação, ainda mais quando esperamos por uma nova ciência da informação, não devemos usar estes artifícios que ainda hoje persistem por muito.

A participação dos cidadãos, também conhecida como participação social, participação popular, participação democrática, participação comunitária, entre os muitos termos atualmente utilizados para referir-se à prática de inclusão dos cidadãos tem sido preocupação das políticas públicas. A participação quando pensada no âmbito da universalização da informação é denominada de política de informação. Ou seja, o povo tem vez e voz dentro da sociedade da aprendizagem, sendo necessário saber utilizar no momento propício e interessante para ao que venham se constituir como novas propostas de uma nova ciência da informação. O poder que o povo possui talvez seja o maior de todos. É preciso acreditar nessa força e lutar por políticas de informação consistentes que garantam o sucesso das disciplinas que tratam e problematizam a informação, como é o caso da ciência da informação e da biblioteconomia.

Concordamos com Marques e Pinheiro (2006) sobre a teoria que envolve a política de informação que segundo Braman (2006), o termo política de informação pode ser definido como todas as leis e regulamentos que lidam com qualquer estágio da cadeia de produção da informação, ou seja, com a sua criação, processamento (cognitivo e algorítmico), armazenamento, transporte, distribuição, busca, uso e destruição. Em outras palavras, “esse é o domínio da política de informação, comunicação e cultura” (BRAMAN, 2006, p. 70).

Com o advento da Internet e das tecnologias de informação que compõe esse universo, abrem-se novas perspectivas para as dinâmicas sociais, econômicas e políticas contemporâneas. O Estado informacional, substituto do Estado burocrático, passa a fazer uso desses avanços tecnológicos não disponíveis anteriormente e busca através das políticas de informação, o controle de toda a cadeia de produção da informação visando o exercício do poder. Nesse sentido, através da política de informação é possível analisar como o Estado informacional exercita o poder no âmbito doméstico e internacional (BRAMAN, 2006).

Na atual era da convergência tecnológica digital, o campo das políticas de informação merece cada vez mais receber uma abordagem integrada. Os estudos da área devem incorporar as várias dimensões que dão forma à era da convergência digital, em especial a informação, a comunicação, a cultura e a tecnologia.

Desde o seu princípio, esse novo paradigma estimula que sejam repensadas e reformuladas as leis e marcos regulatórios vigentes. Cada vez mais se torna complexa a reinterpretação do aparato jurídico legado na tentativa de que ele seja mantido como o marco legal do mundo digital.

Mas, assim como nos paradigmas tecnológicos dos séculos anteriores, o que se constata atualmente não é apenas uma modificação legislativa limitada à esfera jurídica, mas principalmente uma reformulação dos valores que norteiam as políticas públicas.

Em todo o mundo as políticas de informação na era da convergência tecnológica passam por uma transformação marcada pelo ideário liberal-privatista dominante a partir dos anos 1980. No setor de telecomunicações brasileiro, o Estado alinhou-se ao pensamento único (RAMONET, 1995) e abandonou o papel de executor das políticas públicas, assumindo o de pretense regulador de serviços delegados à iniciativa privada. Residem aí as origens da assimetria de informação que marcará a política de informação nacional no Brasil no setor de telecomunicações contemporâneo.

Esta visão corrobora com aquela que já mencionamos mais acima. E, na verdade, são estas questões mesmo que devem ser debatidas de forma mais pragmática e que seja o cerne dos propósitos que esperamos alcançar na luta

por uma nova ciência da informação mais comprometida com os ideais de todos os povos, grupos, etnias e etc.

Uma outra questão também é bem relevante ser destacada aqui. Não é uma tarefa fácil. Porém, é uma questão que já começou a ser pensada, discutida e que está cada vez mais ganhando espaços nos ambientes acadêmicos e no seio das sociedades e dos seus representantes legais.

Por fim, é inerente ressaltar que o papel dos estados no estabelecimento e implantação de políticas centradas nas questões informacionais não é uma preocupação recente. Políticas voltadas para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia tem sido priorizadas por alguns países desde a década de 1950 por diferentes razões. O estabelecimento de políticas informacionais tem sido motivado também pela percepção mais recente da nova divisão internacional do trabalho, que atribui papel central aos países produtores de tecnologias. Nota-se que essas primeiras motivações que levaram os estados a buscar o controle da informação e de seus efeitos sociais através de intervenções administrativas não estavam diretamente ligadas às questões sócio-culturais e seus desdobramentos.

Mas à percepção desses aspectos surgida a partir da década de 1970 se reforça cada vez mais entre os pesquisadores da Ciência da Informação, governos e organismos internacionais, com pesquisas e ações voltadas para a construção de conteúdos e direcionadas aos usuários.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel assumido pela informação e o conhecimento hoje coloca a importância de se discutir o uso da informação no contexto da sociedade da aprendizagem como recursos metodológicos no processo de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, foi interessante conhecer o cotidiano, as questões interdisciplinares, o papel da comunidade científica e dos bibliotecários, bem como os usuários como agentes de todo este processo dinamizado pelo que entendemos como sociedade do conhecimento e dos aprendentes.

Por isto, este trabalho teórico teve o objetivo de dialogar a importância que um ser bem informado possui dentro desta sociedade da aprendizagem. Com o uso das tecnologias intelectuais, o aprendente desenvolve a personalidade e a inteligência ganhando autonomia, não somente aprende e fazer uso delas como também favorece o processo de ensino e aprendizagem, orientado para diversas finalidades pedagógicas. No processo de ensino e aprendizagem as tecnologias intelectuais, poderão influenciar a participação dos aprendentes em situações de interação e simulação em atividade conjunta com outros indivíduos mais competentes no uso das tecnologias das novas linguagens.

Para chegar a bons resultados, os aprendentes não precisam apenas de uma biblioteca com livros e periódicos disponíveis, mas de um conjunto de outras funções que contribuam como base para um bom desempenho educacional, por isto consideramos ter sido importante o diálogo e o debate que circunscreve as políticas de informação.

Na sociedade da aprendizagem, do conhecimento e\ou da informação muitos são os desafios, os percalços e as perspectivas para esta área do conhecimento envolvendo a biblioteconomia e a ciência da informação. Os bibliotecários-ensinantes desempenham funções que vão além de sua formação acadêmica e da conceituação de sua profissão. Cabe a esse profissional a preocupação de acompanhar os avanços tecnológicos, pois afeta de forma direta o mercado de trabalho. A sociedade irá exigir mais do que o bibliotecário está disposto a oferecer. É de sua responsabilidade inovar e desenvolver novas competências, capacidade de interpretar o que está sendo

requisitado, sem a presença direta do usuário, direcionar os mesmos para os recursos virtuais.

É importante que esse profissional esteja integrado, atendendo a demanda pedagógica interna da instituição e as necessidades informacionais dos aprendentes. É certo que o seu papel e, conseqüentemente, dos serviços oferecidos pelas bibliotecas vêm sofrendo profundas mudanças devido a explosão da informação encontrada em vários suportes. Nesse sentido o bibliotecário atua como formador educacional participando de forma ativa no processo de ensino e aprendizagem desenvolvendo atividades para auxiliar os usuários a pesquisar e acessar a informação que desejam.

Cabe ao bibliotecário o desafio de conhecer e utilizar as ferramentas tecnológicas para mediar os instrumentos do conhecimento desenvolvendo serviços de forma virtual e buscando parcerias dentro da instituição. Ele pode ajudar a resolver o problema do acesso à informação que em muitos casos, tem sido preocupação encontrada dentro dos sistemas de educação à distância.

O bibliotecário pode assumir outra questão importante a ser mencionada, ou seja, auxiliar aprendentes e ensinantes a lidarem melhor com os fluxos de informação que trafegam nesses ambientes e assim serem propagadores e disseminadores do seu objeto intrínseco, que é a informação.

6- REFERÊNCIAS

ALVES, Manuela e COUTINHO, Clara Pereira. Educação e sociedade da aprendizagem: um olhar sobre o potencial educativo da internet. **Revista de Formación e Innovación Educativa Universitaria**. Vol. 3, Nº 4, 206-225 (2010).

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2006.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. Os objetos multimídia como dispositivo de inclusão na sociedade da aprendizagem: uma questão de pesquisa. **Inf. & Soc.:** Est., João Pessoa, v. 16, n. 2, p. 157-172, jul./dez. 2006.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003.

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Tradução Andréa Dore. Bauru:Edusc, 2006.

BEAL, Adriana. **Gestão estratégica da informação: como transformar a informação e a tecnologia da informação em fatores de crescimento e de alto desempenho nas organizações**. São Paulo: Atlas, 2007.

CARVALHO, Kátia de e SCHWARZELMULLER, Anna Fredericka. (org). **O ideal de disseminar: novas perspectivas, outras percepções**. Salvador: EDUFBA, 2006.

CARVALHO, Isabel Cristina Lousada. **A socialização no espaço das bibliotecas universitárias**. Niterói: Intertexto, Rio de Janeiro: Interciência, 2004.

CENDÓN, Beatriz Valadares (et al). Marlene de Oliveira (coord). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. 2ed. Trad. Carlos Marcelo Lopes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 2006.

DIAS, Eduardo Wense e Naves, Madalena Lopes. **Análise de Assunto: teoria e prática**. Brasília: Thesaurus, 2007.

FEITOSA, Ailton. **Organização da informação na Web: das tags à web semântica**. Brasília: Thesauros, 2006.

GASKE, Kelly Gonçalves Dias e TESCAROLO, Ricardo. Sociedade da aprendizagem: informação, reflexão e ética. **Ciência da Informação**. V.33, n.3, p.35-40, set/dez. 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

GIMENO SACRISTÁN, J. **Educar e conviver na cultura global**: as exigências da cidadania. Trad. Ernani Rosa, Porto Alegre: Artmed, 2002.

GUINCHAT, C; MENO, M. Os usuários. In: **Introdução geral às ciências e técnicas de informação e documentação**. 2.ed. Brasília: IBICT, 1994.

LE COADIC, Y. F. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996

MALERBA, Jurandir. **A História Escrita**: teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: ateliê editorial, 2002.

MORAES, Cláudio. Usuários de Bibliotecas: informação x cidadão comum. **BIBLOS**, Rio Grande, v.6, 1994.

NAVES. Madalena Martins Lopes e KUMAMOTO, Hélio (org). **Organização da Informação**: princípios e tendências. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

MONEREO, C.; POZO, J.I. **En qué siglo vive la escuela?: el reto de la nueva cultura educativa**. Cuadernos de Pegagogía, n. 298, p. 50-55, 2001

ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus, 2003.

SÁ- CHAVES, Idália. Informação, formação e globalização: novos ou velhos paradigmas. In: ALARCÃO, Isabel (Org.). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre:Artmed, 2001.

SANZ CASADO, Elias. **Manual de Estudos de Usuários**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, Madrid: Pirâmide, 1994.

WALTER, M. T. M. A formação do profissional da informação relacionada às tecnologias de informação: os bibliotecários na perspectiva da literatura, reflexões. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 10, n. 19, 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/152/5497>>. Acesso em: 09 maio 2010.